

O podcast no ensino de Arte

The podcast in Art Education

DOI: <https://doi.org/10.5965/235809252912025e0003>

Diogo Barbosa¹

Orcid: 0009-0004-6068-1263

Thelma Panerai²

Orcid: 0000-0001-5357-5869

Recebido: 22/01/2025

Aprovado: 13/10/2025

Publicado: 23/12/2025

¹ Doutorando em Educação Tecnológica (UFPE). Mestrado em Artes (UFPB). Graduação em Educação Artística e em Comunicação Social (UFPE). É Membro do grupo de pesquisa Mídias Digitais e Mediações Interculturais (EDUMATEC/UFPE). Atua como professor de Arte na Prefeitura Municipal do Recife. E-mail: diogo_barbosa@hotmail.com

² Mestrado e doutorado em Inovação Educativa (Universidad de Deusto, Bilbao, Espanha). Licenciada em Letras, com especialização em Linguística. Professora Associada do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE), da UFPE. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica (EDUMATEC). Desenvolve pesquisas nas áreas da cultura digital na educação. E-mail: thelma.panerai@ufpe.br

Resumo

Neste artigo, tratamos sobre o uso do podcast em aulas do componente curricular Arte, apresentando também uma possível taxonomia de podcasts educativos proposta por Carvalho, Aguiar e Maciel (2009). No âmbito do ensino de Arte, falamos de seu uso nas unidades temáticas, das práticas de exercícios envolvendo a produção de imagens sonoras, da presença de alguns gêneros de podcasts nas aulas, sobretudo a ficção, e da possibilidade de criação de podcasts pelos próprios alunos. Este artigo é fruto do recorte de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do doutorado, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica (EDUMATEC), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Como método, utilizamos o Ciclo de Codificação de Saldaña (2013) para analisar algumas proposições descritas neste artigo, assim como a produção de memorandos analíticos para desenvolver nossas ideias. Ao final, constatamos que o uso do podcast, nas diversas linguagens artísticas, é uma experiência enriquecedora para os processos de ensino e aprendizagem em Arte. Mas também identificamos uma lacuna no que tange às pesquisas acadêmicas deste tema, no campo do ensino de Arte.

Palavras-chave: Ensino de Arte. Podcast. Educação.

Abstract

In this article, we discuss the use of podcasts in Art classes, also presenting a possible taxonomy of educational podcasts proposed by Carvalho, Aguiar, and Maciel (2009). Within the scope of Art education, we address their use in thematic units, the practice of exercises involving the production of sound images, the inclusion of certain podcast genres in classes—particularly fiction—and the possibility of students creating their own podcasts. This article is an excerpt from a research project developed as part of a doctoral program in the Graduate Program in Mathematics and Technological Education (EDUMATEC) at the Federal University of Pernambuco (UFPE). As a method, we employed Saldaña's Coding Cycle (2013) to analyze some propositions described in this article, as well as the production of analytical memos to develop our ideas. In conclusion, we found that the use of podcasts, across various artistic languages, is an enriching experience for teaching and learning processes in Art education. However, we also identified a gap in academic research on this topic within the field of Art education.

Keywords: Art Teach. Podcast. Education.

Introdução

O podcast é uma mídia de natureza sonora, cujos processos comunicacionais ocorrem por meio de arquivos de áudio compartilhados pela internet. Sua existência se aproxima da terceira década, pelo menos sob essa nomenclatura.

O termo foi apresentado pelo consultor britânico Ben Hammersley, no jornal inglês *The Guardian*, em um artigo publicado no dia 12 de fevereiro de 2004. Os gêneros de podcasts e conteúdos abordados por eles são os mais abrangentes. Existem podcasts de diversas temáticas, como notícias, humor, saúde e bem-estar, crimes reais (*true crime*), economia, empoderamento feminino, voltados ao público infantil, além de ficção, fantasia e educativos. Este último se destaca especialmente, pois, desde o surgimento do podcast, sua conexão com os processos educacionais tem sido evidente. Essa relação ocorre tanto no campo da Educação, de maneira geral, como, de maneira mais específica, nos diversos componentes curriculares da Educação Básica.

Neste artigo, abordamos o uso do podcast nas aulas do componente curricular de Arte, refletindo sobre seu impacto e as possibilidades que oferece nas diversas unidades temáticas, conforme a nomenclatura da BNCC, ou, como anteriormente denominávamos, nas diferentes linguagens artísticas que os professores de Arte devem apresentar aos alunos.

Este estudo é um recorte de uma pesquisa mais extensa sobre o uso de podcasts de ficção em aulas de Arte, desenvolvida no âmbito de nossos estudos no doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica (EDUMATEC), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

O método utilizado para analisar algumas proposições do uso do podcast em aulas de Arte foi o Ciclo de Codificação, de Saldaña (2013). Em seu método, os dados são analisados a partir de um processo de codificação que envolve a presença de vários ciclos. Estes dados colhidos em observações de campo, em sala de aula, foram codificados e a partir desse processo, analisados. Por meio dessas análises, desenvolvemos memorandos analíticos como recurso para solidificar nossas ideias e visões sobre o tema em questão.

O podcast na educação

O uso do podcast com fins educacionais surgiu praticamente desde seu início na internet, com um impacto inicial nos processos de educação não formal e informal. No entanto, a educação formal rapidamente se interessou pela ferramenta, integrando-a aos ambientes de aprendizagem, especialmente no Ensino Superior. Como afirmam as pesquisadoras Carvalho, Aguiar e Maciel (2009), desde “[...] o aparecimento dos podcasts [...] as universidades rapidamente compreenderam a sua importância no ensino” (p. 22). De acordo com as autoras, atenta a uma crescente popularização do podcast enquanto tecnologia, a Universidade de Duke, nos EUA, ofereceu aos seus alunos iPods, para que eles pudessem acompanhar os conteúdos das aulas em formato de podcasts. Tais conteúdos poderiam ser acessados nos locais e horários que os estudantes desejassem.

Essas possibilidades também trouxeram grande entusiasmo às pesquisas acadêmicas. Neste sentido, Carvalho, Aguiar e Maciel (2009) propuseram uma taxonomia de podcasts educativos. Para tal classificação, as autoras elencaram seis dimensões. São elas: o tipo de podcast; seus formatos; sua duração; sua autoria; o estilo usado; e sua finalidade.

A **primeira dimensão**, o tipo de podcast, é dividida em quatro: expositivos, comentários, instruções e materiais autênticos. Os podcasts *expositivos* focam na apresentação de um conteúdo específico ou de uma teoria, ou ainda na descrição sobre o funcionamento de algo. O podcast do tipo *comentários* tem como conteúdo explicações realizadas pelos professores sobre uma determinada atividade realizada pelos alunos. O podcast do tipo *instruções* está centrado justamente em apresentar orientações sobre alguma atividade requisitada pelo professor. Já os *materiais autênticos* são podcasts cujo foco não é necessariamente educacional, mas pode ser usado para tal.

A **segunda dimensão** diz respeito aos formatos existentes de podcasts. Apesar da mídia podcast ser de natureza sonora, existem outros formatos. Quando o podcast assume a forma de vídeo, chamamos de *vodcast* ou *vidcast*. Quando há imagem, na maioria das vezes estática, com locução, o termo empregado é *enhanced* podcast. Existe ainda outra forma, produzida com capturas de imagem e locução: o *screencast*. O áudio ainda prevalece como elemento principal, no entanto, outros recursos são usados.

A **terceira dimensão** consiste na duração dos podcasts educativos. Nesta classificação, existem os podcasts curtos, os moderados e os longos. “O podcast curto oscila entre 1 minuto até 5 minutos, o moderado pode

ter de 6 minutos a 15 minutos e o podcast longo dura mais de 15 minutos” (Carvalho; Aguiar; Maciel, 2009, p. 98-99).

A **quarta dimensão** diz respeito à autoria do podcast. Na taxonomia proposta, os podcasts podem ser produzidos pelos professores, pelos alunos ou já existentes, confeccionados por agentes externos à escola, como produtoras de áudio ou mesmo, realizadores amadores que disponibilizam os episódios dos podcasts nas plataformas digitais.

Quanto à **quinta dimensão**, ela se refere ao estilo do podcast: formal ou informal. Esta dimensão remete à linguagem utilizada pelos produtores de podcasts. Um podcast pode ter um estilo mais próximo ao radiofônico clássico, no qual os locutores utilizam uma voz mais empostada, um roteiro mais fechado, eliminando possibilidades maiores de improviso. Contudo, a chegada do podcast foi marcada por um estilo mais despojado de locução, cujos padrões profissionais do rádio são pouco seguidos.

Por fim, a **sexta dimensão** se refere à finalidade do podcast.

A finalidade do podcast pode ser muito variada. A título de exemplo, pode servir para informar, divulgar, motivar para a temática ou para fazer alguma actividade, orientar os alunos para questionarem sobre determinado assunto, para apresentar uma reflexão, entre uma enorme variedade de aplicações (Carvalho; Aguiar; Maciel, 2009, p. 100).

Quanto ao seu uso na educação formal, os podcasts podem ter impacto nos processos de ensino e aprendizagem nos diversos componentes, assim como também nos conteúdos presentes em temas transversais. Adiante, apresentaremos alguns possíveis usos no componente curricular Arte.

O uso do podcast nas unidades temáticas

Existem várias questões que envolvem o uso do podcast no componente curricular Arte. Um primeiro ponto a ser pensado pelo professor quando escolhe utilizá-lo diz respeito à unidade temática trabalhada (teatro, dança, artes visuais, música, artes integradas). A forma de abordar conteúdos da unidade temática de artes visuais pode funcionar de maneira diferente da abordagem feita em conteúdos de música. *A priori*, podemos pensar que a música se adapta melhor à natureza sonora da mídia podcast, enquanto nas artes visuais, existe uma impossibilidade de uso dele, pela limitação visual que ele impõe.

Apesar disso, podcasts expositivos, por exemplo, podem ser usados para explicar aspectos teóricos ou históricos de qualquer linguagem artística. Neste sentido, é possível que não haja grandes empecilhos em nenhuma das quatro linguagens. O podcast, neste caso, funciona como um material didático, assim como o livro ou a apostila. Contudo, diferentemente dos recursos impressos, das gravuras, dos vídeos ou das fotografias, estes elementos visuais não estarão disponíveis nos podcasts convencionais, mas apenas em podcasts de outros formatos como os *enhanced* podcasts. Assim, se a opção é fazer uso de podcasts apenas sonoros, possivelmente existirá a dificuldade real de adaptar conteúdos visuais para um meio sonoro.

Apesar disso, para realizar essas ações, existem as experiências e as práticas realizadas no campo da acessibilidade. Sobre isso, podemos afirmar que:

A arte é, sem sombra de dúvidas, cultura, educação, lazer e via de socialização humana. Por conseguinte, tal possibilidade humanizante não pode continuar a ser negada à pessoa humana com deficiência visual num mundo que se queira justo e inclusivo. Um meio de minimizar a exclusão cultural a que as pessoas com deficiência têm sido submetidas está na oferta de um recurso tradutório, da imagem em palavras, conhecido como áudio-descrição (Lima *et al*, 2012).

Desta forma, o produtor de podcasts com conteúdos visuais pode tomar emprestado conceitos e técnicas já usados na audiodescrição.

No que tange ao uso do podcast na linguagem da música, ele pode potencializar aspectos trabalhados em seus conteúdos. Neste caso, o professor e os alunos poderão se apropriar de tudo que a linguagem sonora do podcast permite, como a veiculação de timbres de instrumentos. Segundo Caregnato, a aprendizagem musical “[...] não se restringe apenas à aprendizagem da execução de um instrumento” (2014, p. 161). Além disso, a autora afirma que é possível que “[...] a realização de atividades de apreciação contribua tanto quanto a realização de atividades de execução ou de composição para o desenvolvimento da percepção de timbres” (*idem*. p. 162). Desse modo, com o uso de podcasts, o aluno pode ser apresentado ao som de um piano ou de um pandeiro, com intenção de estimular o desenvolvimento de sua percepção musical. Apesar disso, como acontece com as artes visuais, se a intenção é mostrar ao aluno a forma do instrumento musical, não será possível apenas por meio do podcast. Neste caso, o apoio de um material didático é fundamental.

Podcast, ficção e ensino de Arte

Outro tópico a ser discutido nos usos do podcast em aulas de Arte diz respeito a outros possíveis gêneros utilizados. Além do podcast expositivo, o gênero ficcional é outra opção. Podcasts de ficção são aqueles que apresentam histórias fictícias aos seus ouvintes - algo próximo ao que eram as radionovelas, os radiodramas e as peças de teatro radiofônico transmitidos no rádio, especialmente nas décadas de 1940 e 1950, no Brasil. Os podcasts fictícios também podem ser chamados de audiosséries. Apesar de existirem alguns títulos antes da pandemia do novo coronavírus, foi neste período que surgiram muitas audiosséries nas plataformas digitais que distribuem podcasts. Alguns exemplos são: Sofia, #TdVaiFicar, Paciente 63.

Na unidade temática do teatro há uma tradição em suas metodologias de ensino: realizar dinâmicas com jogos de improvisação. Neste viés, as aulas são voltadas às performances e ao trabalho corporal e prático do aluno. Historicamente, em tais vertentes, diferentemente do que acontece em outras linguagens como as artes visuais, as práticas de fruição são mais raras. Uma possível explicação para isso consiste no fato de que levar a reprodução de uma pintura ou uma música gravada para que os alunos vejam ou escutem é mais fácil. Transportar um espetáculo teatral para a escola é algo mais distante. Estas experiências estão restritas às raras vezes que as instituições educacionais conseguem a presença de grupos de teatro na escola. É igualmente complicado conduzir um grupo de alunos a uma casa teatral, para assistir a um espetáculo.

Se partirmos da Abordagem Triangular (Rizzi, 2008), sabemos que uma experiência de fruição é tão importante quanto produzir arte. A Abordagem Triangular consiste na ideia de que aprendemos arte a partir de três movimentos: a produção artística, a leitura da obra de arte e a contextualização. Para que tenhamos um conhecimento integral em arte, é fundamental o diálogo entre estas três ações. Visões mais contemporâneas no campo do ensino de teatro estão mais atentas a estas questões. É o caso da Pedagogia do Espectador, proposta na qual o pesquisador Flávio Desgranges aponta a importância do contato com o teatro pela perspectiva do espectador. Para ele,

[...] a pedagogia do espectador está calcada fundamentalmente em procedimentos adotados para criar o gosto pelo debate estético, para estimular no espectador o desejo de lançar um olhar particular à peça teatral, de empreender uma pesquisa pessoal na interpretação que se faz da obra, despertando seu interesse para uma batalha que se trava nos campos da linguagem. Assim se contribui para formar espectadores que estejam aptos a decifrar signos propostos, a elaborar um percurso próprio no ato da leitura da encenação, pondo em jogo sua subjetividade, seu ponto de vista, partindo de suas experiências, sua posição, do lugar que ocupa na sociedade (2003, p. 30).

Assim, essa lacuna na formação, em parte, pode ser remediada com o podcast de ficção. O objeto em questão não é tratado aqui como uma peça de teatro, mas como uma expressão da arte dramática, como os filmes ou as séries e novelas presentes na televisão. Enquanto objeto artístico, o podcast de ficção, com sua natureza híbrida, traz consigo a complexidade de uma obra que dificilmente podemos classificá-la, utilizando parâmetros avaliativos de décadas atrás. É o que acontece com as linguagens artísticas reprodutíveis surgidas nos séculos XIX e XX. As tecnologias de reprodução trouxeram diversas divergências entre estetas, críticos e curadores. O cinema, a fotografia e o próprio rádio, tiveram muitas dificuldades em se impor enquanto arte. Ouvir uma história em formato de podcast é, indubitavelmente, uma experiência distinta de assistir a uma peça de teatro. Aqui, não propomos a substituição de uma pela outra. No entanto, o podcast pode contribuir para a formação de apreciadores das artes cênicas, mesmo na ausência de uma cena física. Sob essa perspectiva, o trabalho com podcasts permite ampliar a ideia de uma pedagogia do espectador para incluir uma pedagogia baseada na cultura da escuta (Momesso *et al.*, 2016), ou seja, uma pedagogia do ouvinte.

A ficção na mídia sonora oferece importantes possibilidades ao incentivar a criação de imagens sonoras (Camacho, 1999) na mente dos alunos ouvintes. Essas experiências são valiosas para a aquisição de conhecimento e para o desenvolvimento de habilidades e competências, pois estimulam o ato de imaginar e, conseqüentemente, de criar. Práticas desse tipo podem ser igualmente inspiradoras em outras linguagens artísticas, como as artes visuais.

Fernando Lazzetta afirma que:

[...] a imagem não se reduz ao domínio visual. Há imagens mentais, há imagens sonoras e, por que não, há imagens espaciais. E se o espaço pode ser percebido visualmente, ele não é essencialmente visual, já que podemos senti-lo também de maneira tátil ou auditiva, por exemplo. Ou seja, podemos criar diversas imagens de algo, que por serem sempre representações, são sempre imagens parciais daquilo que é representado. Assim, é possível também embaralhar os campos perceptivos, criar imagens sonoras a partir de pintura, criar imagens estáticas no cinema, dar a impressão de movimento em esculturas (2016, p. 379).

Assim, ao escutar um podcast de ficção, o aluno pode representar os personagens da história, os objetos e os ambientes, de forma plástica no papel ou em outra superfície. Os resultados podem ser os mais surpreendentes, já que duas crianças podem ter uma visão completamente diferente do mesmo personagem, escutando o mesmo podcast. Ambas podem representá-lo com tons de pele, texturas de

cabelo ou expressões completamente distintas. Os processos podem se tornar ainda mais ricos se as crianças socializam seus desenhos umas com as outras.

Apesar da relevância desses processos, há um desafio importante: a ausência de um acervo consolidado de obras ficcionais em áudio adequadas ao uso educativo. Encontrar podcasts desse gênero, voltados à faixa etária de estudantes mais jovens, pode ser uma tarefa desafiadora. Embora a produção de audiosséries, tanto profissionais quanto amadoras, tenha aumentado, a maioria dessas obras é voltada predominantemente ao entretenimento. Isso, por si só, não constitui necessariamente um obstáculo, mas pode gerar dificuldades para os educadores, que precisam identificar de que forma uma narrativa sonora voltada apenas ao lazer pode agregar valor ao processo de aprendizagem.

Essa questão é semelhante à enfrentada no cinema educativo. A promulgação da Lei 13.006 de 2014, que tornou obrigatória a exibição de pelo menos 200 horas mensais de filmes nacionais nas escolas, suscitou dúvidas entre os pesquisadores da área sobre quais obras deveriam ser utilizadas, já que a lei foi aprovada sem diretrizes claras sobre a origem e a disponibilidade desse acervo

Autoria e produção de podcasts

Outro tópico importante se refere à produção de podcasts com a autoria dos próprios alunos, utilizando gêneros ficcionais. Embora não seja uma investigação ligada a crianças e adolescentes, a pesquisa desenvolvida por Rodrigo Teixeira (2022), intitulada *Podcast Sexagenarte – A Vida Não Para*, relata a experiência de produção de audiodramas com pessoas idosas. Sua pesquisa investiga:

[...] um processo de criação em audiodrama com pessoas velhas, em tempos de pandemia, através do tempo-espaço (tecno)convivial. Os participantes-colaboradores da criação são oito senhoras e senhoras, com idades entre 66 e 86 anos, moradores da região metropolitana de Porto Alegre – Rio Grande do Sul – sendo quatro pessoas com deficiência visual. O processo de criação ocorreu entre 2020 e 2022, em paralelo ao alastramento da pandemia provocada pela Covid-19. A experiência coletiva resultou na formação do grupo de audiodrama "Sexagenarte - A Vida Não Para". A partir de encontros, ensaios e gravações virtuais, foram desenvolvidos oito episódios de audiodrama baseados nas histórias de vida das/dos integrantes (p. 8).

O podcast, no exemplo citado, não é utilizado prioritariamente a partir da perspectiva da escuta, mas da produção. Mídias sonoras, como o rádio, em propostas educacionais mais antigas, eram encaradas apenas

como um objeto de escuta. Foi o caso do MEB (Movimento de Educação de Base) e do projeto Minerva. O primeiro, por exemplo, foi idealizado

[...] pela Igreja Católica em 1961, o MEB representou um avanço na concepção de aprendizagem por rádio naquele momento ao criar um sistema que combinava cursos formais instrucionais com conscientização, politização, educação sindicalista, especialmente voltado para a população rural. O MEB adotou a concepção pedagógica humanista baseada nos princípios filosóficos da ação libertadora do educador Paulo Freire (Bianco, 2009, p. 59).

Por sua vez, o governo militar, seguindo outra vertente ideológica, por meio do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, lançou em 1970 o projeto Minerva. Este “[...] oferecia ensino supletivo para adolescentes e adultos, além de orientação profissional e programação cultural de interesse geral” (Ibid.). O projeto era amparado por uma portaria de 1967, que determinava que todas as emissoras de rádio do país transmitissem cinco horas semanais de programação educativa.

Dentre as especificidades do projeto Minerva, podemos ressaltar que ele:

[...] produzia cursos, material didático, realizava a distribuição do material, além da formação de monitores para aulas presenciais. Em seus objetivos constava que o projeto se destinava à “complementação de atividades regulares do sistema do sistema oficial de ensino brasileiro”. Na verdade, mais do que complementar, o Minerva atuou como substituto, uma vez que quem se inscrevia em seus cursos e prestava os exames correspondentes poderia receber diplomas de 1º e 2º graus (Ribeiro, 2010, p. 292).

Sobre esta perspectiva de uso da mídia sonora apenas como objeto de escuta, Marciel Consani (2022) afirma que o ato “[...] de se trabalhar com mídias na escola é, quase sempre, pensando do ponto de vista da ‘recepção’, isto é, de trabalhar sobre aquilo que já é produzido pelos meios especializados” (p. 41). Isto também é possível e válido. Contudo, para o aproveitamento das potencialidades educacionais que o podcast pode proporcionar, em contextos educacionais, é importante que o aluno se aproprie de todas as possibilidades que esta mídia pode ofertar. Além das práticas de escuta, o aluno deve compreender, em uma vivência real, como a produção de podcasts funciona, como são escritos seus roteiros e como acontecem as dinâmicas na frente de um microfone. É fundamental que ele assuma também o papel de produtor da mensagem, em vez de se limitar à condição de ouvinte.

No passado, antes da popularização das mídias digitais, tal ação não era possível. Os meios de produção nas mídias estavam centrados no comunicador, que se encontrava a quilômetros de distância de sua audiência. Uma proposta contrária a isto é transformar a sala de aula em uma estação de transmissão ou um estúdio de produção. Algo semelhante ao que o pedagogo francês Célestin Freinet realizou:

[...] introduzindo na aula um meio de comunicação: o periódico escolar. Hoje, a partir do atual desenvolvimento tecnológico, o meio poderia ser outro. O substancial não reside no meio eleito; mas sim na função que este cumpre: a de abrir para os educandos canais de comunicação através dos quais possam socializar os produtos e as aprendizagens. Isto é crer na caixa de ressonância que transforme o educando em comunicador e o permita descobrir e celebrar, ao comunicá-la, a projeção social de sua palavra (Kaplún, 2002, p. 207-208, tradução nossa).

Na experiência relatada, Freinet não usou uma mídia sonora, mas, sim, o jornal escolar, trazendo uma prensa para o ambiente de aprendizagem. Ela era disponibilizada aos alunos, para que eles, livremente, fizessem uso dela na realização de periódicos no espaço da escola. Nas páginas do jornal, podia se abordar desde temas de interesse dos estudantes até problemas no local onde estudavam. Os alunos faziam parte da produção de comunicação dentro da escola.

Neste experimento, estava presente o conceito de *prosumer* (Toffler, 2007). O *prosumer* é o consumidor de mídia que também atua como produtor. No entanto, acreditamos que existe um termo ainda melhor a ser usado. Trata-se do *emirec*, a junção do termo emissor com o termo receptor. Este conceito foi apresentado por Mário Kaplún (2002). Em sua obra, o autor explica a origem dele.

Os participantes em um Seminário sobre Comunicação Social e Educação realizaram em Quito em setembro de 1982, sob o patrocínio da OREALC/UNESCO, retornaram em suas conclusões estas definições e adicionaram que o processo de comunicação deve se realizar de modo que dê a todos a oportunidade de ser alternadamente emissores e receptores. Eles concordam nesta formulação precisa com o canadense Jeab Cloutier, que para melhor expressá-la, cunhou um termo novo: *emirec*, amálgama de Emissor e Receptor. Todo homem deve ser visto e reconhecido como um *emirec*, propõe Cloutier. Todo ser humano está dotado e facultado para ambas funções, e tem direito a participar no processo de comunicação atuando alternativamente como emissor e receptor (p. 59, tradução nossa).

Nesse contexto, consideramos o termo *emirec* mais adequado, especialmente por ser abordado por Mario Kaplún, teórico latino-americano que defende a ideia da Comunicação Educativa — processos comunicacionais voltados para a educação de um povo. Ao utilizarmos o podcast como recurso ou objeto

dos processos de ensino e aprendizagem, onde os alunos assumem o papel de produtores ativos, é essencial reconhecê-los como *emirecs*.

Os *emirecs* no passado tinham a imprensa como a opção mais próxima para aqueles que desejavam fazer parte do processo comunicacional, dentro ou fora da escola. Esta concepção, inclusive, podia ser notada na seção de cartas do leitor, nas revistas, como afirma Benjamin (1985, p. 184)). Enquanto a mídia impressa era algo mais tangível quanto à inserção do cidadão comum nos processos comunicacionais, o rádio parecia distante. Mas havia quem acreditasse que a emissão radiofônica poderia ser algo também usada por todos.

O dramaturgo alemão Bertolt Brecht considerava o rádio um meio impressionante, não apenas por receber as transmissões, mas pela possibilidade de as pessoas do povo emitirem suas próprias mensagens. Sua proposta era “[...] fazer do rádio um instrumento de conscientização e participação popular” (Spritzer, 2005, p. 42). Neste sentido, o rádio pensado por Brecht seria um meio de comunicação onde todos poderiam se comunicar com todos. Tecnicamente, isso é possível. Um aparelho receptor, com algumas alterações, é capaz de se transformar em um transmissor. Um rádio de bolso não teria um alcance tão grande por conta de sua pequena antena. No entanto, seria possível transmitir a mensagem, ainda que percorrendo distâncias reduzidas. É o que o *walk talk* doméstico faz. Muitos, na infância, fizeram uso desse instrumento.

No âmbito do rádio, Brecht não chegou a ver sua teoria aplicada. Contudo, André Lemos sugere que

[...] se estivesse vivo, talvez nos oferecesse um podcast seu, que provavelmente daria, a cada usuário, a possibilidade de ouvir leituras de suas peças ou de grandes dramaturgos. Ou, com certeza, ele estaria muito feliz vendo sua utopia concretizada na atual difusão sonora dos podcasts, onde os que eram apenas ouvintes transformaram-se em produtores de informação (2024, p. 17).

A primeira experiência na prática de produção em mídia sonora, por alunos, no entanto, não vem dos podcasts, mas das rádios escolares. Elas funcionam dentro do ambiente da escola, com o sinal geralmente transmitido via um sistema de cabeamento interno. Marcos Baltar (2013) considera a rádio escolar uma “[...] importante ferramenta para discutir a relação entre educação, mídia e sociedade, promovendo, dentre outros, o letramento midiático radiofônico na comunidade escolar” (p. 11). Apesar da possibilidade de uso do rádio pelos estudantes, como autores no processo comunicacional, ser possível nesta proposta, existe ainda certa dificuldade em realizar um projeto deste, seja pela falta de conhecimento sobre como montar uma estrutura apropriada, seja pela deficiência das escolas, em termos de materiais e espaços, já que a criação de uma rádio escolar demanda uma quantidade grande de recursos. Mesmo em experiências com a

web rádios, na qual a transmissão é dirigida diretamente à internet, são necessários equipamentos básicos para isso, como computadores, microfones, mesas de som, além de um local adequado para seu funcionamento. Ainda que esta estrutura se restrinja apenas a um celular, um sinal de internet ainda se faz necessário para que o programa seja veiculado ao vivo, como pede a dinâmica do rádio.

Com o podcast, isto se torna mais fácil. Seu processo de produção, sobretudo, em contexto escolar, substitui toda a estrutura de um estúdio por apenas um objeto nas mãos dos alunos: o celular. Assim, esta “[...] tecnologia que eles utilizam, no dia a dia, como ferramenta de comunicação [...] pode ser utilizada também para a gravação, a reprodução e o compartilhamento de áudio em formato de podcast” (Yoshimoto; Momesso, 2016, p. 107). Quando temos à disposição microfones, interfaces de áudio, ambientes acusticamente isolados, o trabalho é facilitado. Contudo, muitos produtores realizam seus podcasts de seus próprios quartos em casa. O produto final do podcast é gravado, e não ao vivo, como no rádio. Dessa forma, o aluno durante a produção pode errar livremente, sem receio de comprometer o trabalho. Os erros são retirados e as correções são realizadas na edição.

A edição nos podcasts, diferentemente do rádio e das web rádios, visto o caráter ao vivo dessas mídias, mostra-se como um elemento essencial. Pensadores do cinema como Eisenstein e Vertov viam na montagem cinematográfica o processo mais importante na construção do filme. Este aspecto pode ser compartilhado pela linguagem do podcast, sobretudo ficcional. Desse modo, mais do que uma preocupação com o espaço, dimensão que pede muita atenção dos editores de vídeo para se evitar erros de continuidade, no podcast “[...] a dimensão temporal é a mais decisiva, já que a continuidade temporal é o fator de referência mais importante para todo o relato sonoro” (Camacho, 1999, p. 54, tradução nossa). O aluno consegue realizar esta montagem em seu próprio celular, utilizando algum programa de edição de som, ou mesmo um aplicativo próprio para a produção de podcasts, como o Spotify For Podcasters. Neste sentido, o arquivo final pode resultar em algo completamente diferente do arquivo bruto. A possibilidade de edição propicia que as vozes de vários alunos estejam presentes no podcast, sem eles estarem espacial ou temporalmente juntos, quando gravam. Em trabalhos desenvolvidos em grupo, um aluno pode registrar suas falas em sua casa, enviar seus arquivos para um segundo que insere sua parte, e assim por diante. Ao final, se existir uma edição minimamente eficaz, que consiga juntar as vozes, disfarçar a mudança de ambiência e criar um ritmo adequado, teremos um produto final de boa qualidade, seja um podcast expositivo de algum conteúdo de arte, seja um podcast ficcional, adaptado de alguma peça de teatro.

Outro fator fundamental em um processo autoral em podcast é o uso da voz. A gravação de uma obra sonora possibilita ao aluno uma série de experiências que ele não teria em outras práticas. A leitura e interpretação de um texto escrito, transformado em áudio por meio da gravação, permite exercícios de letramento que podem surtir mais efeito que uma leitura convencional, principalmente, pelo fato de o leitor escutar sua voz posteriormente. Esta dinâmica pode ser muito útil em componentes como Língua Portuguesa, mas, em Arte, o aluno poderá exercitar competências específicas do componente como a interpretação de personagens de um texto dramático. Além disso, tal dinâmica, torna-se uma estratégia motivadora, afinal, trata-se de uma proposta diferente das convencionais em sala de aula. O aluno pode observar quais aspectos em sua leitura ou interpretação podem melhorar ou quais estão bons.

Ademais,

[...] a voz, seja ela ao vivo ou por meio do áudio, implica na existência de uma corporeidade mais sensual que a escrita, portanto, mais emocional e sensitiva, a qual está mais para uma cultura da escuta. É fato que cada processo de leitura mobiliza práticas e modos diferentes. Disto depreende-se que uma leitura auditiva tende a ser mais emocional e a despertar maiores sensações do que a leitura escrita (Momesso *et al*, 2016, p. 43).

Desta forma, a prática de leitura e interpretação para o podcast se torna uma ferramenta fundamental nos processos de autoria. Quando o aluno verbaliza o texto em voz alta e o interpreta, inevitavelmente, entonações diferentes das usuais irão surgir. O aluno irá se deparar com possibilidades que muitas vezes ele desconhecia de seu próprio trato vocal. Esta ação investigativa dialoga diretamente com os processos de criação no componente Arte, sendo algo fundamental à dimensão da autoria nos podcasts.

Devemos enfatizar, no entanto, que a relevância não está no produto final em si, mas no processo educacional que a gravação de podcasts proporciona aos estudantes. Obviamente que um podcast bem realizado é um indício do grau de envolvimento dos estudantes, e até mesmo do professor. Como afirma Kaplún:

Existe uma visão por assim dizer romântica da comunicação alternativa na qual os defeitos, as falhas são vistas como naturais e inevitáveis, mesmo até, quase como honrosas. Se escuta facilmente a presença de ruídos com a explicação de que nossos meios são pobres, limitados, artesanais, sacrificados, feitos pelo cidadão. É verdade que são e devem sê-lo. Porém eles não devem servir como fácil pretexto, como solução de comodidade, para justificar falhas que, com um pouco de cuidado e autoexigência, podiam ser corrigidas (2002, p. 180-181, tradução nossa).

Ainda assim, devemos sempre frisar que, em processos formativos na Educação Básica, não estamos enviando profissionais, artistas, radialistas, jornalistas, para o mercado de trabalho. Para esta finalidade, existem outros níveis de ensino como a Educação Profissional. Este tipo de proposta visa uma educação significativa, que torne o aluno um cidadão consciente. Neste sentido, o trabalho prático com o podcast em sala de aula pode ser um grande agregador, possibilitando o desenvolvimento de competências e habilidades, sobretudo, no componente Arte, mas funcionará melhor ainda se o aluno se apropriar da linguagem, dos processos criativos.

Considerações finais

Neste artigo, exploramos apenas algumas possibilidades de uso dos podcasts em aulas de Arte, reconhecendo que essa tecnologia oferece uma infinidade de caminhos para integrar-se ao cotidiano dos professores da área. Destacamos brevemente suas aplicações, especialmente nas linguagens do teatro e das artes visuais, por estarem mais alinhadas à nossa formação acadêmica. No entanto, o uso de podcasts em outras linguagens artísticas, como a dança e a música, pode ser igualmente enriquecedor, ampliando as oportunidades de ensino e aprendizagem.

Além disso, proposições que favoreçam o diálogo entre diferentes linguagens artísticas, como sugere a unidade temática de artes integradas, apresentam um grande potencial para experiências com podcasts no componente de Arte. Esse campo se destaca como um dos mais promissores, já que o podcast, por sua própria natureza híbrida, reúne elementos do universo da produção fonográfica, das artes cênicas e das tecnologias digitais, especialmente em sua vertente ficcional

Para finalizar, ressaltamos que pesquisas sobre podcasts e ensino de Arte, apesar do já longo trajeto desta mídia, especialmente, no campo da educação, são muito poucas. Assim, esperamos que esta pesquisa incentive outros pesquisadores do ensino de Arte a se debruçarem neste campo aberto de possibilidades e ainda bastante fértil para aqueles que desejam explorá-lo.

Referências

BALTAR, Marcos. **Rádio escolar**: uma experiência de letramento midiático. São Paulo: Cortez, 2013.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 165-196

BIANCO, Nélia R. Del. Aprendizagem por rádio. In: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos (Org.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 56-64.

CAMACHO, Lidia Camacho. **La imagen radiofónica**. México: McGraw-hill Interamericana Editores, 1999.

CARVALHO, A. A.; AGUIAR, Cristina; MACIEL, Romana. **Podcast no ensino superior em regime de blended-learning: um estudo na Universidade do Minho**. In: CARVALHO, A. A. (Org.). *Actas do encontro sobre podcasts*. Braga: CIEd, 2009. p. 22-38.

_____. **Taxonomia de podcasts: da criação à utilização em contexto educativo**. In: CARVALHO, A. A. (Org.). *Actas do encontro sobre podcasts*. Braga: CIEd, 2009. p. 96-109.

CONSANI, Marciel. **Como usar o rádio na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2022.

CAREGNATO, Caroline. O efeito de atividades de execução, composição e apreciação musical sobre a percepção de timbres. **Revista Música Rodie**, Goiânia, v. 14, n. 1, 2014, p. 159-170.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2003.

HAMMERSLEY, Ben. Why online radio is booming. **The Guardian**. 12 fevereiro 2004. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2004/feb/12/broadcasting.digitalmedia>. Acesso: 19 junho 2024.

KAPLÚN, Mario. **Uma pedagogía de la comunicación: el comunicador popular**. Havana, Cuba: Editora Caminos, 2002.

LAZZETTA, Fernando. **A imagem que se ouve**. In: PRADO, Gilbertto; TAVARES, Mônica; ARANTES, Priscila (Org.). *Diálogos transdisciplinares: arte e pesquisa*. São Paulo: ECA/USP, 2016. p. 376-395.

LE MOS, André. Podcast: emissão sonora, futuro do rádio e cibercultura. **Radiofonias**. Ouro Preto, MG. v. 15, n.1, p. 12-18, jul. 2024.

LIBANÊO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA, Francisco; VIEIRA, Paulo; RODRIGUES, Ediles; PASSOS, Simone. **Arte, educação e inclusão: orientações para áudio-descrição em museus. Sobre deficiência visual**, 2012. Disponível em: https://www.deficienciavisual.pt/txt-AudioDescricao_Museus-orientacoes.htm#saltar%20para%20o%20in%C3%ADcio%20do%20texto Acesso: 22 novembro 2024.

MOMESSO, Maria Regina *et al.* Audioler nas tramas do discurso: a escrita da cultura da escuta. In: MOMESSO, Maria Regina *et al* (Org.). **Educar com podcasts e audiobooks**. Porto Alegre: CirKula, 2016. p. 23-58.

RIBEIRO, Adriana Gomes. **Rádio Educação - Maneiras de conjugar**. In: FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano (Org.). *E o Rádio?: novos horizontes*. Porto Alegre, RGS: Edipucrs, 2010.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. **Reflexões sobre a Abordagem Triangular do ensino de arte**. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Ensino de arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SALDAÑA, J. **The coding manual for qualitative Reaserchers**. London: Sage, 2013.

SPRÍTZER, Mírna. **O corpo tornado voz: a experiência pedagógica da peça radiofônica**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p.192. 2005.

TEIXEIRA, Rodrigo Sacco Flores Almeida. **Sexagenarte – a vida não para**: procedimentos de criação em audiodrama com pessoas velhas em tempos de pandemia. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2007.

YOSHIMOTO, Educaro; MOMESSO, Maria Regina. Criação e desenvolvimento de podcast educativo: uma experiência brasileira. In: MOMESSO, Maria Regina *et al* (Org.). **Educar com podcasts e audiobooks**. Porto Alegre: CirKula, 2016. p. 95-110.